

## RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

### **USO VARIÁVEL DE MARCAS DE NEUTRALIZAÇÃO DE GÊNERO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DO LÉXICO E DA GRAMÁTICA**

*Luiz Carlos Schwindt (schwindt@ufrgs.br)*

Nas últimas duas décadas, e especialmente nos últimos anos, o uso de marcas linguísticas denotadoras de gênero inclusivo em português brasileiro tem sido intensamente debatido (Collischonn & Schwindt, 2015; Freitag & Severo, 2015; Carvalho & Brito, 2020; Schwindt, 2020, 2024; Baldez & Brescancini, 2024; Freitag, 2024; Bentes, Borba & Cruz, a sair). Partindo de uma distinção de base entre 'uso neutro de gênero' e 'uso de gênero neutro', discuto a variação e a perspectiva de mudança no emprego de marcadores gramaticais que codificam gênero na língua na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1966, 1972) e do debate sobre como mudanças deliberadas (Thomason, 2007; Guy, 2011) se instanciam. O objetivo é problematizar as principais variáveis que controlam a implementação dessas marcas, de modo particular de -e, a variante mais frequente registrada tanto na fala quanto na escrita atualmente, que emerge na posição final sobretudo de nomes e adjetivos, mas também de algumas palavras funcionais (ex. menino/querido/todes). Devido ao caráter ainda restrito dessa variação a ponto

de permitir generalizações de fundamento estatístico robusto, o debate que proponho se centra na análise dos usos efetivamente atestados ao lado de usos potenciais, estes projetados a partir de evidências negativas construídas sob a noção estruturalista de contraste e de marcação. Nesse sentido, proponho o falseamento de possíveis limitadores da progressão da mudança em debate do ponto de vista fonológico e morfológico sobretudo, mas também sintático, semântico e pragmático. A questão fonológica fundamental é a da conformação de um sistema de marcação gradual de gênero ao mecanismo que responde pela boa-formação da palavra fonológica em português, que se limita a três vogais átonas contrastivas em posição átona final (i/u/a) que já vêm sendo empregadas em um sistema privativo na língua (ex. olho-Masc, casa-Fem, pente-Masc, ponte-Fem). A questão morfológica fundamental, à fonológica relacionada, diz respeito à produtividade que se espera de um sistema de natureza flexional, que parece ativo apenas para a marca de feminino (ex. presidenta/presidente/\*presidente). Além disso, a demanda da concordância e da atribuição do significado básico (requisito para o estabelecimento do morfema) e contextual têm relevância para a caracterização dessa variação e de seu potencial de mudança. Resgatando o debate mais fundamental promovido no escopo do que se rotulou como 'controvérsia neogramática' (Labov, 1981; Oliveira, 1991), sustento que se trata, no estágio atual do português brasileiro, de fenômeno predominantemente lexical, de motivação especialmente pragmática, que tem seu ritmo de progressão no interior da gramática definido crucialmente por restrições morfofonológicas e morfossintáticas.

Palavras-chave: gênero gramatical; gênero neutro; neutralização de gênero; morfofonologia; variação linguística.